

Atividades em consciência fonológica na metodologia de alfabetização: importante ferramenta no desenvolvimento da consciência fonológica e na evolução da escrita

Ana Paula Rigatti Scherer¹

¹Faculdade de Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

anafono@pop.com.br

Resumo. *O presente trabalho trata da importância das atividades de consciência fonológica como parte da metodologia de alfabetização, bem como a explicitação do princípio alfabético. O trabalho também apresenta a relação recíproca entre consciência fonológica e aquisição da escrita ao longo de um ano letivo de 1ª série. Foram pesquisadas 22 crianças de cinco turmas de alfabetização nas quais as professoras utilizavam atividades de consciência fonológica e explicitação do princípio alfabético. Os dados foram coletados em três momentos do ano: março, julho e novembro, onde se verificou a hipótese de escrita e o nível de consciência fonológica que os alunos se encontravam. Ao final da pesquisa verificou-se que apesar de uma mesma abordagem ser utilizada, houve diferentes comportamentos dos alunos, os quais foram divididos em três subgrupos: G1, G2 e G3. Mesmo apresentando características de evolução na aprendizagem, houve relação entre a evolução da escrita e a consciência fonológica em todos os subgrupos e a abordagem utilizada facilitou que todos evoluíssem com maior rapidez.*

Abstract. *This paper addresses the importance of the activities of phonological awareness as part of the methodology of literacy as well as for the principle letter. The work also presents a reciprocal relationship between phonological awareness and acquisition of writing over a school year, 1 grade. They were surveyed 22 children of five of literacy classes in which teachers used the activities of phonological awareness and for the principle letter. Data were collected at three times of the year: in March, July and November, where he found the idea of writing and level of phonological awareness that the students were. At the end of the survey found that despite a similar approach be used, there were different rates of learning of students, who were divided into three subgroups: G1, G2 and G3. Even showing characteristics of developments in learning, was no relation between the evolution of writing and phonological awareness in all subgroups and easier approach that all evolution more quickly.*

Palavras-chave: consciência fonológica; alfabetização; escrita.

1. Introdução

Atualmente, para falar em aprendizagem da escrita é preciso levar em conta o papel que a consciência fonológica exerce sobre esse processo. No entanto, não só a consciência fonológica exerce influência sobre a aprendizagem da escrita, mas a própria

aprendizagem da escrita auxilia no desenvolvimento da consciência fonológica. Muitos autores referem que essa relação é recíproca, isto é, quanto mais desenvolve-se a consciência fonológica, mais aprimorada se torna a escrita; e quanto mais aprimora-se a escrita, mais desenvolvem-se as habilidades em consciência fonológica (Content, 1984; Morais, Bertelson, Cary & Alegria, 1986; Morais, Alegria & Content, 1987; Carraher, 1986; Menezes, 1999; Costa, 2002; Freitas, 2004; Rigatti-Scherer, 2008).

O presente artigo apresenta uma pesquisa que verifica essa relação, pois apresenta a evolução da escrita ao longo do ano letivo da 1ª série e paralelamente, o crescimento na consciência fonológica. Além disso, as turmas observadas foram alfabetizadas por uma abordagem diferenciada, que privilegiava atividades em consciência fonológica e a explicitação das regras do princípio alfabético, adicionando uma espécie de “combustível aditivado” na evolução da escrita e na consciência fonológica.

Este artigo, portanto, apresenta a caminhada de cinco turmas de alfabetização no seu processo de aprendizagem da escrita e no crescimento da consciência fonológica, sendo possível acompanhar tanto o grupo como um todo, quanto os diferentes tipos de evolução existentes entre os pequenos grupos de alunos.

2. Metodologia

Este trabalho é um recorte da tese de doutorado da autora, sendo assim, foram utilizados dados referentes a cinco turmas alfabetizadas por professores que utilizavam uma metodologia que contemplava a explicitação do princípio alfabético e atividades de consciência fonológica.

Estas professoras receberam treinamento da pesquisadora no ano anterior à pesquisa (2005), que consistiu de 16 horas de estudo sobre temas de lingüística importantes para a alfabetização, como: aquisição da linguagem, fonética, fonologia, consciência fonológica, princípio alfabético do português brasileiro e métodos de alfabetização.

Para participarem da pesquisa, que iniciou em 2006, foram utilizados os seguintes critérios para escolha dos alunos:

- a) estar frequentando a 1ª série pela primeira vez;
- b) não apresentar desvios fonológicos evolutivos;
- c) não ser portadora de necessidades especiais (cegueira, surdez, paralisia cerebral, deficiência mental e síndromes);
- d) estar no nível pré-silábico, de acordo com a psicogênese da língua escrita (Ferreiro & Teberosky, 1985).

Para iniciar a aplicação do instrumento de coleta, tanto professores como pais de alunos assinaram consentimento informado autorizando sua participação na pesquisa.

A coleta de dados ocorreu em três momentos: março, julho e novembro de 2006, nas 5 turmas de alfabetização, sendo selecionados 5 alunos em cada turma. Em cada momento verificou-se a hipótese de escrita e a pontuação na consciência fonológica dos alunos.

Na primeira coleta de amostra de escrita, ocorrida no mês de março para selecionar as crianças com hipótese pré-silábica, utilizou-se o ditado das “quatro palavras e uma frase” de acordo com a história “As aventuras de Joãozinho” (BARCELLOS, 2001), contada pela pesquisadora. Com esta coleta, pôde-se selecionar 25 alunos que estavam com a hipótese pré-silábica e realizar a primeira aplicação do instrumento de avaliação da consciência fonológica (CONFIAS, Moojen e cols, 2001). Este instrumento é organizado de forma seqüencial, apresentando uma gradação de dificuldade ao longo de sua aplicação. É dividido em duas partes: a primeira, relativa à consciência da sílaba, e a segunda, à consciência do fonema.

No mês de julho e novembro realizaram-se as demais coletas de amostra de escrita e as aplicações do CONFIAS.

Momento da Aplicação	Palavras e sentenças	História utilizada para estímulo	Consciência fonológica
1ª Aplicação MARÇO	1. barco 2. mochila 3. camiseta 4. céu Frase: O barco virou chapéu.	“As aventuras de Joãozinho” (Gládis Maria Ferrão Barcellos)	1ª Aplicação CONFIAS
2ª Aplicação JULHO	1. A mulher gigante. 2. Batuca na cozinha. 3. Arranca o telhado. 4. Vai parar na Conchinchina.	“A Mulher Gigante” (Gustavo Finkler e Jackson Zambelli)	2ª Aplicação CONFIAS
3ª Aplicação NOVEMBRO	1. O dragão foi preso pela donzela. 2. O coitado está acorrentado. 3. Ele não solta fogo pela boca. 4. O dragão bobalhão está apaixonado. 5. Alguém pode ajudar o dragão?	“O Sequestro do Dragão Bobalhão” (Gustavo Finkler e Jackson Zambelli)	3ª Aplicação CONFIAS

Quadro 1 – Procedimentos utilizados em cada etapa da coleta de dados.

Ao final da pesquisa obteve-se a amostra de escrita e pontuação do CONFIAS de três momentos diferentes (março, julho e novembro). O número sujeitos reduziu de 25 para 22, pois houve transferências e evasão escolar.

Os resultados passaram por análise quantitativa do Programa SPSS versão 15.0. Essa análise foi realizada por meio da Estatística Descritiva (média, desvio padrão, frequência e percentuais) do Teste *t* (de *Student*) e da Análise de Correlação (Coeficiente de Pearson). Para as conclusões utilizou-se o nível de significância de 5% ($p < 0,05$).

Também foi possível analisar os resultados qualitativamente, o que possibilitou verificar detalhes importantes do avanço dos alunos na aprendizagem da escrita e na consciência fonológica.

3. Resultados e discussão

3.1 Sobre a evolução da escrita

Conforme a Tabela 1, vista a seguir, no mês de março todos os sujeitos estavam no nível pré-silábico da escrita, totalizando 100% dos sujeitos. No início da pesquisa a hipótese de escrita foi controlada, sendo escolhidos somente sujeitos com hipótese de escrita pré-silábica. Por estarem nesse nível, os sujeitos não tinham noção de que a escrita teria relação com a fala, e, assim, o professor alfabetizador é que iria promover essa aprendizagem.

Tabela 1 - Número e percentagem de sujeitos em cada hipótese de escrita, nos meses da coleta da amostra de escrita

Aplicação	Março		Julho		Novembro	
	n	%	n	%	n	%
Níveis escrita						
Pré-silábico	22	100,00	---	---	---	---
Silábico	---	---	2	9,10	---	---
Silábico-Alfabético	---	---	7	31,80	---	---
Alfabético	---	---	13	59,10	22	100,00
Total	22	100,00	22	100,00	22	100,00

No mês de julho, 13 sujeitos estavam no nível alfabético, representando mais da metade do GE, 59,10%; 7 sujeitos estavam no nível silábico-alfabético, representando 31,80% do GE e 2 sujeitos estavam no nível silábico, representando 9,10% do Grupo Experimental.

Nota-se que houve uma evolução significativa já no mês de julho, pois mais da metade dos sujeitos (13) estavam na hipótese alfabética de escrita, hipótese essa que indica compreensão de que cada grafema corresponde a unidades sonoras menores que a sílaba (Ferreiro e Teberosky, 1985). Os outros 7 sujeitos, que estavam no nível silábico-alfabético, mostravam boa evolução, pois percebiam que, para cada sílaba emitida na fala, existia uma letra para representá-la. Ex.: para 'gato', escreviam GO. Porém, já utilizam em alguns momentos um grafema para unidades menores que a sílaba, portanto, já se aproximando do nível alfabético de escrita. Ex.: para 'pato', escreviam

PAO. Os outros 2 sujeitos, que ainda estavam no nível silábico, não avançaram tanto quanto os demais, mas mostraram, em seu tempo, uma evolução razoável, já que perceberam a relação existente entre a fala e a escrita, utilizando uma letra para cada sílaba emitida.

No mês de novembro, os 22 sujeitos, representando 100% do GE, estavam no nível alfabético de escrita. Ao final do ano letivo, todos os alunos do GE chegaram ao que se espera de uma turma de alfabetização: compreenderam a representação grafema-fonema na escrita e na leitura, restando-lhes, ainda, aprimorar as demais regras do princípio alfabético (Scliar-Cabral, 2003).

Como observado na tabela anterior, os sujeitos mostraram evolução na escrita durante os meses da pesquisa, principalmente de março a julho. A abordagem metodológica das professoras foi decisiva para esse resultado, pois estas professoras, desde o início do ano letivo, apresentaram o alfabeto não só como um conjunto de letras que formam palavras, mas um conjunto de letras que representam um sistema organizado de escrita e que está relacionado com a linguagem oral. Além disso, os alunos iniciaram o ano realizando atividades de consciência fonológica por meio de brincadeiras com sílabas, rimas e sons diversos.

Apesar de todos os alunos terem avançado na hipótese de escrita, percebeu-se que esse avanço não ocorreu da mesma forma entre os 22 sujeitos. Sendo assim, tornou-se interessante dividir o grupo em subgrupos conforme o avanço que obtiveram em cada mês de avaliação. Assim, como visto no Quadro 1, o grupo foi dividido em 3 subgrupos: G1, G2 e G3.

Caracterização	Evolução escrita	Classificação	Nº de sujeitos
Subgrupos	MAR – JUL - NOV		
G1	PS → A → A	Rapidamente Ótimo	13
G2	PS → SA → A	Moderadamente Muito Bom	7
G3	PS → S → A	Lentamente Muito Bom	2

Quadro 1 - Caracterização dos subgrupos (PS – Pré-silábico; S – Silábico; SA – Silábico-alfabético; A – Alfabético)

O G1 é composto de 13 sujeitos que em março estavam pré-silábicos, em julho estavam alfabéticos e em novembro continuavam alfabéticos com aprimoramento considerável em relação à ortografia. Esse subgrupo foi classificado como ‘Rapidamente Ótimo’, já que em julho os sujeitos já estavam alfabéticos e em novembro aprimoraram ainda mais esse nível de escrita.

O G2 é composto de 7 sujeitos que em março estavam pré-silábicos, em julho estavam silábico-alfabéticos e em novembro estavam alfabéticos. Esse subgrupo foi classificado como ‘Moderadamente Muito Bom’, pois não avançou de forma tão rápida quanto o G1, mas moderadamente, passando pelo nível silábico-alfabético e atingindo, em novembro, o nível alfabético, sendo assim, um resultado final muito bom.

O G3 é composto de 2 sujeitos que estavam pré-silábicos em março, silábicos em julho, e em novembro alfabéticos. Esse subgrupo foi classificado como ‘Lentamente Muito Bom’ pois em julho ainda estava na hipótese silábica, demorando um pouco para avançar significativamente na escrita. Porém, em novembro os sujeitos desse subgrupo estavam alfabéticos e isso pôde ser caracterizado como muito bom.

Esta diferença de avanço entre os sujeitos é explicada pela psicogênese da escrita (Ferreiro e Teberosky, 1985), pois, como citado anteriormente, segundo essas autoras, cada indivíduo aprende construindo suas próprias categorias de pensamento, cada qual tem sua forma individual de compreender a escrita. Além disso, nem todos os alunos conviviam num mesmo tipo de ambiente letrado em suas casas, mesmo que a sala de aula oferecesse as mesmas condições de aprendizado.

3.2 Sobre a consciência fonológica

Os 22 sujeitos foram submetidos ao instrumento de avaliação da consciência fonológica (CONFIAS) nos meses de março, julho e novembro, obtendo as médias de pontuação que podem ser vistas na Tabela 2.

Como já detalhado anteriormente, o CONFIAS avalia o desempenho em consciência fonológica nos níveis silábico e fonêmico, sendo possível verificar as médias dos sujeitos nesses níveis, separadamente. A pontuação máxima no nível silábico é de 40 pontos e, no nível fonêmico, de 30, totalizando 70 pontos.

Tabela 2 - Média de acertos nas tarefas do Instrumento de Avaliação Sequencial – CONFIAS, nos três meses de aplicação

Aplicação	Março		Julho		Novembro	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Sílaba (máx: 40)	24,18	4,54	30,72	5,50	35,04	3,24
Fonema (máx: 30)	6,50	3,37	15,27	5,25	19,63	5,11
Total (máx: 70)	30,68	6,93	46,00	9,91	54,68	7,66

No mês de março, o grupo obteve a média de 24,18 pontos no nível silábico e 6,50 no nível fonêmico, totalizando a média de 30,68. Em julho, obteve média de 30,72 no nível silábico e 15,27 no nível fonêmico, totalizando 46 pontos. No mês de novembro, obteve média de 35,04 no nível silábico e 19,63 no nível fonêmico, totalizando 54,68 pontos de média.

Observou-se crescimento considerável de uma aplicação a outra. Esse crescimento é justificado pela evolução na escrita que os alunos obtiveram, bem como as atividades em consciência fonológica proporcionadas aos alunos.

Assim como nos resultados da evolução da escrita, os resultados sobre a a consciência fonológica também foram analisados nos subgrupos. A Tabela 3 apresenta a média de pontuação do subgrupo G1 nos níveis silábico, fonêmico e total do teste e a comparação entre as aplicações.

Tabela 3 - Comparação da pontuação nas tarefas do instrumento CONFIAS entre os meses de aplicação do Subgrupo G1 – “Rapidamente Ótimo” (PS → A → A) **

<i>Verificações</i>	<i>Média de acertos</i>	<i>p</i>
<i>Nível / Mês</i>		
Sílaba Mar X Sílabas Jul	25,30 X 33,46	0,000*
Sílaba Mar X Sílabas Nov	25,30 X 36,07	0,000*
Sílabas Jul X Sílabas Nov	33,46 X 36,07	0,016*
Fonema Mar X Fonemas Jul	7,15 X 18,15	0,000*
Fonema Mar X Fonemas Nov	7,15 X 21,15	0,000*
Fonemas Jul X Fonemas Nov	18,15 X 21,15	0,022*
Total Mar X Total Jul	32,46 X 51,61	0,000*
Total Mar X Total Nov	32,46 X 57,23	0,000*
Total Jul X Total Nov	51,61 X 57,23	0,005*

* $p < 0,05$ = Há diferenças estatisticamente significativas.

** (PS – Pré-silábico; S – Silábico; SA – Silábico-alfabético; A – Alfabético)

O subgrupo G1, caracterizado na evolução da escrita como RAPIDAMENTE ÓTIMO, apresentou diferenças significativas em todos os intervalos de tempo de aplicação do CONFIAS, sinalizando, que de um mês a outro de aplicação do instrumento, as crianças mostraram evolução na consciência fonológica nos níveis silábico, fonêmico e no total do teste. Porém, se for feita uma análise minuciosa dos valores de p , pode-se notar que os valores menos significativos estão no nível silábico ($p = 0,016$) e fonêmico ($0,022$) entre os meses de julho e novembro, indicando que o crescimento foi mais significativo entre os meses de março a julho e ao longo do ano, de março a novembro.

Para esse subgrupo, classificado como RAPIDAMENTE ÓTIMO, os resultados indicam um maior crescimento na consciência fonológica no primeiro semestre do ano letivo (março a julho), o que não significa que não tenha ocorrido no segundo semestre, mas, como se vê na tabela, nesse período há menor significância, isso pelo fato de que os sujeitos deste subgrupo cresceram tanto no primeiro semestre que já não havia muito o que desenvolver no segundo semestre. Se for verificado o nível de hipótese de escrita em que esses sujeitos encontravam-se na coleta de escrita do mês de julho, percebe-se que todos os sujeitos estavam no nível alfabético. Desta forma, o primeiro semestre representou o pico de crescimento da hipótese de escrita do G1.

Se comparado ao comportamento do Grupo Experimental como um todo, o G1 representa somente os sujeitos que já no mês de julho estavam com hipótese alfabética e, desse modo, isso se reflete no crescimento significativo da consciência fonêmica obtido de março a julho.

Já no período de julho a novembro houve crescimento na consciência fonológica, mas não tão significativo quanto no primeiro semestre, podendo ser comparado ao nível de escrita que não avançara tanto, pois a maioria já se encontrava no nível alfabético e alguns sujeitos no nível ortográfico, não tendo muito em que avançar, nesse período. O subgrupo G1, portanto, teve um maior avanço, tanto na consciência fonológica quanto na escrita, no período de março a julho, o que o diferencia dos demais subgrupos.

Os resultados do subgrupo G2, caracterizado como MODERADAMENTE MUITO BOM na evolução da escrita, estão apresentados na Tabela 8. Observa-se, na tabela, que o único intervalo de aplicação que aponta baixa significância é o resultado da pontuação do nível fonêmico de março a julho. No entanto, o valor de $p=0,052$ aproxima-se muito do valor $0,050$ que indica evidência de significância. Considerando isso, pode-se dizer que todos os intervalos de testagem também foram significativos para o subgrupo G2. Apesar de os valores indicarem significância, observa-se que os valores menos significativos pertencem à pontuação do nível silábico ($p=0,026$) e fonêmico ($p=0,052$) de março a julho, indicando que o maior crescimento na consciência fonológica ocorreu de julho a novembro e ao longo do ano, de março a novembro.

Tabela 4 - Comparação da pontuação nas tarefas do instrumento CONFIAS entre os meses de aplicação do Subgrupo G2 – “Moderadamente Muito Bom” (PS →SA → A)**

<i>Verificações</i>	<i>Média de acertos</i>	<i>P</i>
<i>Nível / Mês</i>		
Sílaba Mar X Sílabas Jul	22,57 X 27,00	0,026*
Sílaba Mar X Sílabas Nov	22,57 X 34,85	0,000*
Sílaba Jul X Sílabas Nov	27,00 X 34,85	0,001*
Fonema Mar X Fonema Jul	5,71 X 11,57	0,052
Fonema Mar X Fonema Nov	5,71 X 19,00	0,004*
Fonema Jul X Fonema Nov	11,57 X 19,00	0,000*
Total Mar X Total Jul	28,28 X 38,57	0,012*
Total Mar X Total Nov	28,28 X 53,85	0,000*
Total Jul X Total Nov	38,57 X 53,85	0,000*

* $p<0,05$ = Há diferenças estatisticamente significativas.

**PS – Pré-silábico; S – Silábico; SA – Silábico-alfabético; A – Alfabético

Diferentemente do subgrupo G1, o subgrupo G2 apresentou maior crescimento na consciência fonológica no segundo semestre do ano, no período de julho a novembro. Nos outros períodos também houve avanços, mas os considerados mais significativos ocorreram no período de julho a novembro. Se esses resultados forem comparados com a hipótese de escrita, vê-se que no mês de julho esses sujeitos encontravam-se na hipótese silábico-alfabética e que só no mês de novembro é que avançaram para a alfabética. Não foi à toa que a caracterização desse subgrupo foi como

MODERADAMENTE MUITO BOM, pois de forma moderada, e não rápida, chegaram ao nível alfabético de escrita. O comportamento do G2 não foi igual ao do G1, pois o pico de crescimento ocorreu no segundo semestre, e não no primeiro. O subgrupo G2, portanto, teve um maior avanço na consciência fonológica e na escrita no período de julho a novembro, segundo semestre do ano letivo.

O subgrupo G3, caracterizado como LENTAMENTE MUITO BOM na evolução da escrita, apresentou diferença significativa entre os meses de aplicação do CONFIAS entre julho e novembro no nível silábico e entre março e novembro no nível fonêmico. Além desses, um valor que se aproxima do nível de significância seria o de 0,058, ocorrido no total do teste de julho a novembro. Somados aos índices de significância encontrados, o resultado indica que, no subgrupo G3, houve um maior crescimento na consciência fonológica no nível da sílaba de julho a novembro e no nível fonêmico de março a novembro (Tabela 5)

Tabela 5 - Comparação da pontuação nas tarefas do instrumento CONFIAS entre os meses de aplicação do Subgrupo G3 – “Lentamente Muito Bom” (PS → S → A)**

<i>Verificações</i>	<i>Média de acertos</i>	<i>p</i>
<i>Nível / Mês</i>		
Sílaba Mar X Sílaba Jul	22,50 X 26,00	0,395
Sílaba Mar X Sílaba Nov	22,50 X 29,00	0,234
Sílaba Jul X Sílaba Nov	26,00 X 29,00	0,000*
Fonema Mar X Fonema Jul	5,00 X 9,50	0,070
Fonema Mar X Fonema Nov	5,00 X 12,00	0,000*
Fonema Jul X Fonema Nov	9,50 X 12,00	0,126
Total Mar X Total Jul	27,50 X 35,50	0,228
Total Mar X Total Nov	27,50 X 41,00	0,117
Total Jul X Total Nov	35,50 X 41,00	0,058

* $p < 0,05$ = Há diferenças estatisticamente significativas.

**PS – Pré-silábico; S – Silábico; SA – Silábico-alfabético; A – Alfabético

No subgrupo G3 houve menos resultados significativos quanto aos avanços na consciência fonológica. Os avanços ocorreram de julho a novembro, no nível da sílaba, e de março a novembro, no nível do fonema. Se for observado o resultado ao nível do fonema comparado à hipótese de escrita dos sujeitos, vê-se que o avanço da escrita que ocorreu LENTAMENTE acompanha o crescimento na consciência fonêmica que só foi significativo de março a novembro, isto é, não ocorreu em nenhum dos períodos em específico, mas em todo o ano letivo. O crescimento significativo no nível da sílaba, ocorrido de julho a novembro, pode ser reflexo da hipótese de escrita, que em julho era silábica e que até novembro passa para alfabética. No entanto, vê-se uma grande

diferença em relação aos outros subgrupos, pois o G3 necessitou de um pouco mais de tempo para avançar do nível pré-silábico ao alfabético e para obter um crescimento significativo na consciência fonêmica.

Retomando os resultados da avaliação da consciência fonológica encontrados nos subgrupos, verifica-se o seguinte: o G1 obteve maior crescimento de março a julho; o G2 obteve maior crescimento de julho a novembro e o G3 maior crescimento de março a novembro. Com esses resultados confirma-se que, mesmo as professoras utilizando uma mesma abordagem metodológica de alfabetização, há diferentes evoluções no crescimento e aprendizagem dos alunos, mas que a abordagem utilizada pelas professoras facilitou a evolução de todos os alunos.

4. Conclusão

Ao final deste artigo, confirma-se a relação recíproca entre a aquisição da escrita e consciência fonológica, pois o nível elementar de consciência fonológica que apresentavam as crianças no início do ano letivo auxiliou na evolução da escrita, bem como a aprendizagem das relações grafema-fonema que auxiliou no crescimento da consciência fonológica. Essa reciprocidade foi observada no grupo como um todo, bem como nos subgrupos, pois conforme evoluíam na escrita, cresciam na consciência fonológica e esta, proporcionava ainda mais crescimento na escrita. Um diferencial ocorrido nestas turmas foi a abordagem metodológica dos professores que contemplava as atividades de consciência fonológica e explicitação do princípio alfabético. Essa abordagem proporcionou ainda mais o desenvolvimento da escrita e da leitura e tornou a relação entre eles mais fortalecida. Esse fortalecimento possibilitou os bons resultados ocorridos nas turmas ao longo do ano letivo.

5. Referências bibliográficas

BARCELLOS, Gládis Maria Ferrão. **As Aventuras de Joãozinho**. São Paulo: Paulinas, 2001.

CARRAHER, T.N. Explorações sobre o desenvolvimento da ortografia em português. **Isto se aprende com o ciclo básico**. Projeto Ipê. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação – CENP, 1986, p. 109-117.

CONTENT, A. L' analyse phonétique explicite de la parole et l' acquisition de la lecture. **L' année Psychologique**, v. 84, 1984.

COSTA, A.C. **Consciência fonológica: relação entre desenvolvimento e escrita**. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FINKLER, Gustavo; ZAMBELLI, J. **A Mulher Gigante**. Porto Alegre: Projeto, 2000.

FREITAS, Gabriela. **Consciência fonológica e aquisição da escrita: um estudo longitudinal**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

MENEZES, Gabriela. **A consciência fonológica na relação fala-escrita em crianças com desvios fonológicos evolutivos**. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1999a.

MOOJEN, Sônia e cols. **CONFIAS – Conciencia fonológica: instrumento de avaliação seqüencial**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

_____. ; ALEGRIA, J; CONTENT, A. Segmental Analysis and Literacy. **Chiers de Psychologie Cognitive**, v. 7, n. 5, p. 415-437, 1987.

_____.; BERTELSON, CARY, L; P; ALEGRIA, J. Literacy Training and Speech Segmentation. **Cognition**, v. 24, p. 45-64, 1986.

RIGATTI-SCHERER, Ana Paula. **Consciência fonológica e explicitação do princípio alfabético: importância para o ensino da língua escrita**. 2008. Tese. (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2008.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Princípios do Sistema Alfabético do Português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2003.